

A RELIGIOSIDADE NA OBRA “A ESCRAVA ISAURA” DE BERNARDO GUIMARÃES

RELIGIOUSNESS IN THE WORK “A ESCRAVA ISAURA” BY BERNARDO GUIMARÃES

Ivanessa Sanches Mancio¹

Resumo: O presente artigo analisará a obra *A Escrava Isaura*, do escritor Bernardo Guimarães, a qual foi escrita em meados do século XIX no Brasil, mais precisamente na época em que Dom Pedro II governava o país. Este período ficou conhecido na história por ter várias revoluções sociais e revoltas a favor da abolição da escravatura. Objetiva-se estudar e analisar os pontos de religiosidade na obra, apresentando momentos relevantes de religiosidade na figura da personagem Isaura. Para isso, está fundamentado nos estudos de Coutinho, Carmo e De Nicole, para demonstrar a religiosidade da personagem principal. Assim, conclui-se que Isaura demonstra ser uma pessoa religiosa, que acredita em uma divindade protetora (Senhor Deus), dentro dos preceitos religiosos do Catolicismo, o que é confirmado em alguns trechos de suas falas.

Palavras-chave: Religiosidade; Escravidão; Isaura.

Abstract: This article will analyze the work *A Escrava Isaura* of the writer Bernardo Guimarães, which was written in the middle of the XIX century in Brazil, more precisely at the time Dom Pedro II ruled the country. This period was known in history for having several social revolutions and revolts in favor of the abolition of slavery. It aims to study and analyze the points of religiosity in the work, presented relevant moments of religiosity in the figure of the character Isaura. For this, it is based on the studies of Coutinho, Carmo and De Nicole, to demonstrate the religiosity of the main character. Thus, it is concluded that Isaura demonstrates to be a religious person, who believes in a protective deity (Lord God), within the religious precepts of Catholicism, which is confirmed in some passages of his speeches.

Keywords: Religiosity; Slavery; Isaura.

Artigo submetido em 08/03/2019. Aprovado em 02/05/2019.

¹ Mestranda Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.
vanessa.mancio@hotmail.com



Introdução

No Brasil, os colonizadores portugueses, além da população nativa, empregam povos de diferentes pontos do continente africano, assim, milhões de pessoas foram trazidas e forçadas a trabalhar como escravas em terras brasileiras.

Foi no continente africano que ocorreram as primeiras trocas de escravos. O presente artigo objetiva analisar a religiosidade presente na obra “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães, escrita em meados do século XIX no Brasil, mais precisamente na época em que Dom Pedro II governava o país, período que ficou conhecido na história por ter várias revoluções sociais e revoltas a favor da abolição da escravatura. O objetivo desta pesquisa é destacar pontos de religiosidade na obra, apresentando momentos relevantes de religiosidade na personagem Isaura. Este artigo foi construído em cima de pesquisas e análises de autores como Coutinho, Carmo e De Nicole, com o objetivo de mostrar a religiosidade da personagem principal, sendo dividido em três seções. A primeira trata do processo histórico do romance, depois vem a descrição da obra e, por último, a análise da obra a respeito da religiosidade da personagem Isaura.

A história revela que a escravidão é bem mais antiga que o tráfico de povos africanos. Ela é conhecida desde a Antiguidade quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados pelos seus conquistadores. Nesse contexto, o africano escravizado torna-se uma mercadoria e, por isso, sem o reconhecimento de suas culturas e sem direitos humanos (DOS SANTOS; BRAGA; DA COSTA, 2011).

Somente no fim do século XIX a escravidão é mundialmente proibida. E no império brasileiro, a abolição da escravatura só se deu em 1888, por meio da promulgação da Lei Áurea. No Brasil, nasceram os afro-brasileiros, que hoje totalizam cerca da metade da população do país. São povos que descendem dessas populações escravizadas, que produziram e consolidaram uma cultura de matriz africana, a cultura afrobrasileira.

Segundo Schmidt (2010), a diversidade cultural era a marca da colônia. No entanto, não havia delimitações de fronteiras étnicas entre as culturas desses diferentes povos que contribuíram para a diversidade étnica e cultural do mundo colonial. A economia colonial era fundada no escravismo, e o tráfico transatlântico de escravos foi determinante para a criação e consolidação da cultura afrobrasileira.



A grande diversidade de populações e a falta do sentimento de pertença à nação eram os principais problemas que afligiam os intelectuais brasileiros das últimas décadas do século XIX. Nessa época, foram realizados os primeiros estudos sobre a cultura dos negros do Brasil. *Os africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues (1977), trata as manifestações culturais negras como sobrevivência, ou seja, como traços culturais que tenderiam a desaparecer com o passar do tempo.

A pluralidade cultural não é mais vista como uma falta e sim como um aspecto positivo da composição de nosso povo. É nesse contexto de posituação da diversidade cultural que as noções de culturas étnicas vão se consolidando no país. A cultura brasileira é composta de traços e heranças estrangeiras que são simultaneamente étnicos e nacionais, tais como a capoeira, a feijoada, o candomblé e o samba, símbolos da nossa brasilidade e de nossas raízes africanas.

Na visão de Pierre Sanchis (1997), o tema “As religiões dos brasileiros” por muito tempo foi implausível. Com o tempo, a religião foi se modernizando, e a palavra se modificou do singular para o plural, ou seja, de “religião” para “religiões”. Assim, houve uma transformação no campo religioso do Brasil.

No Brasil, ainda a comunidade católica é a maior, mas, na última década, a Igreja Católica teve uma redução da ordem de 1,7 milhão de fiéis, um encolhimento de 12,2%. Os dados são do Censo de 2010 do IBGE (apud SCHMIDT, 2010, p. 823).

Atualmente, não há mais essa atitude cultural de que todos os brasileiros recém-nascidos devem se batizar no Catolicismo. Também alguns membros de outras religiões não se sentem exilados, excluídos do espaço religioso. O mundo vai se modificando, as pessoas também vão se modernizando e os pensamentos evoluindo. Com isso, o catolicismo foi diminuindo e perdendo espaço para outras religiões. Dentre as diversidades religiosas, temos a religião do Candomblé e da Umbanda, cujas tradições são originárias no continente africano.

1. Século XIX no Brasil: o ambiente histórico do romance

O ambiente da obra “A Escrava Isaura” está estabelecido no século XIX no Brasil, mais precisamente no período do governo de Dom Pedro II, iniciado em 1840, com a antecipação



da maioria do imperador, e terminado em 15 de novembro de 1889, quando ele foi deposto pelos militares.

O segundo reinado, de acordo com Schmidt (2010, p. 369), tem seu apogeu nas décadas de 1850 e 1860. Neste período, a contestação à Monarquia é muito pequena. O governo é exercido pelo ministério, com base na maioria do parlamento. Consolidaram-se, também, os dois partidos políticos, Liberal e Conservador, ambos representantes dos interesses rurais. Sendo o sistema eleitoral vicioso, com o domínio da oligarquia rural e a influência do partido que estivesse no poder, cabia ao imperador, numa intervenção conhecida como “gangorra imperial”, promover o rodízio dos partidos no governo. Na política exterior, o Império preocupou-se, sobretudo, com a Bacia do Rio da Prata², onde conseguiu manter forte influência, envolvendo-se em conflitos como a guerra com Argentina e a Guerra do Paraguai.

Segundo Carmo e Couto (1994, p. 110), o Império desconhece a questão do trabalho escravo, incompatibilizando-se com a aristocracia e levando os abolicionistas a se unirem aos republicanos. Os problemas com a questão religiosa, relacionados com a laicidade do país, com a questão militar e os feridos de guerra, nas décadas de 1870 e 1880, agravam a crise, que atinge seu ápice com a abolição da escravatura em 1888. Embora os dirigentes do Império considerem a abolição uma vitória da Monarquia, as oligarquias agrárias deixam de lhe dar sustentação. No dia 15 de novembro de 1889, um grupo de militares proclama a República e põe fim ao Segundo Reinado.

No Brasil, a escravatura nasce com a colonização e só é oficialmente extinta em 1888. O escravo vivia nas senzalas, quase sempre com excesso de trabalho e em condições precárias de higiene e salubridade, o que reduzia a expectativa de vida útil em cerca de sete anos nas áreas do açúcar e do ouro. Como a inserção da população negra na sociedade se dá pelo trabalho, favoreceu-se, dessa maneira, a convivência familiar, social e cultural. A miscigenação avança, com o número cada vez maior de negros. Em 1800, cerca de dois terços da população do país, três milhões de habitantes, são formados por negros, escravos ou libertos. Apesar dessa interação, os escravos mantêm-se em condição social inferior, e a

² A Bacia do Rio da Prata ou Bacia Platina é a segunda maior bacia hidrográfica do Brasil. Se estende pelo Brasil, Uruguai, Bolívia, Paraguai e Argentina. Neste local ocorreu A Guerra do Prata, entre Argentina, Uruguai e Brasil pela influência do Paraguai e hegemonia na região do Rio da Prata. A guerra foi travada no Uruguai, nas proximidades do Rio da Prata e nordeste argentino de agosto de 1851 a fevereiro de 1852, entre as forças da Confederação Argentina e as forças da aliança formada pelo Império do Brasil, Uruguai e províncias rebeldes argentinas.



escravidão, perpétua e hereditária, permanece regulada pela lei da alforria, concessão da liberdade pelo proprietário mediante indenização. Os escravos resistem fugindo das fazendas para os quilombos nos sertões e rebelando-se nas cidades.

Segundo Farias e Barros (2000), após fortes pressões da Inglaterra, o tráfico negreiro foi extinto na década de 1850 e a abolição da escravatura fez-se de forma gradual, com a decretação da liberdade dos nascituros, Lei do Ventre Livre, 1871; da liberdade para os sexagenários (1885) e a liberdade total, Lei Áurea, 1888.

Nos anos 1870 e 1880, houve dois movimentos³ que sacudiram o país e tiveram grande efeito, tanto na vida pessoal, intelectual e social, essas correntes do pensamento abolicionistas, ou seja, campanha para abolição do regime servil, decretada em 1888 pela decisão governamental, abalou o alicerce da sociedade brasileira.

Esta campanha importava para a literatura na medida em que passou a inspirar muitos poemas como os de Castro Alves, romances como “A Escrava Isaura” (1875), de Bernardo Guimarães, ou “As Vítimas Algozes” (1869), novelas de Joaquim Manuel de Macedo.

Os republicanos e abolicionistas e outros que eram próximos do socialismo, considerados intelectuais, questionavam os fundamentos tradicionais da sociedade brasileira, como a monarquia, a religião, as hierarquias, buscando explicação nas forças do meio e da raça, pois eram fatores que permitiam conhecer cientificamente os produtos culturais (CANDIDO, 1999, p. 50).

A intensa miscigenação ocorrida entre negros, brancos e indígenas fez com que fosse muito grande a influência étnica de várias culturas estrangeiras no Brasil, refletida na língua, na música, na cultura e nos costumes.

2. A obra “A Escrava Isaura”

O Romantismo foi um movimento artístico e literário, que se iniciou na Europa em meados do final do século XIII. Este movimento surgiu em oposição à objetividade, ao racionalismo e também pela retomada dos valores clássicos do Arcadismo.

³ O movimento social que defendia o fim da escravidão no Brasil, e o movimento abolicionista de 1865–1870 que surgiu após a Guerra do Paraguai.



O Romantismo inicia-se no Brasil em 1836, através de Gonçalves de Magalhães, sendo considerado uma literatura nacional, estando ligado ao processo de independência política. A escola romântica surge em meio a um contexto histórico revolucionário no Brasil, onde devem ser vistas as publicações árcades, que eram caracterizadas pela sátira política de Gonzaga e de Silva Alvarenga.

Assim, o Romantismo está marcado pela subjetividade e também por outras características, como: valorização das emoções, idealismo, individualismo, espiritualidade e nacionalismo. Em alguns casos, as características encontradas no início do Romantismo são opostas às que encontramos no final dessa escola literária, pois houve uma mudança de comportamento dos autores. Então, para compreendê-la, deve-se levar em consideração que essa escola tem um estilo delimitado do tempo, ou seja, um período que se inicia em meados do século XVIII e vai até o século XIX. Surge como uma escola literária no período da Revolução Francesa, ou seja, em um momento de falência dos impérios feudais, como poder passando das mãos da nobreza para o da burguesia, como podemos observar no pensamento de Guimarães. O marco do Romantismo no Brasil se deu com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836, que de certa forma influenciou o surgimento de várias outras obras neste período.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825–1884), nascido em Ouro Preto-MG, foi um romancista e poeta brasileiro. Com 22 anos, cursou Direito em São Paulo, tornando-se bacharel em 1852. Considerado um grande amigo de Álvares de Azevedo, Guimarães era um observador simples que criava romances com temas abolicionistas, fazendo crítica social, sátira e poesia erótica.

Bernardo Guimarães é uma figura do segundo momento do Romantismo brasileiro; é também talvez o mais interessante por ter várias características dentro do Romantismo, como ser poeta, lírico, elegíaco, humorístico e até pornográfico. Sendo romancista, é considerado o introdutor do regionalismo na ficção brasileira e tem tendência classicizante.

Foi como romancista que Bernardo teve seu nome popularizado. Suas novelas foram o que suas poesias não foram: acentuadamente românticas presas aos moldes e ao gosto fácil de estilização da época; Bernardo estava impregnado do mais inosso e falso Romantismo da época, que só da idealização artificial das coisas via o encanto e o valor da arte

(COUTINHO, 1999, p. 196)



Em 1875, Guimarães publicou o romance que trataria do abolicionismo nascente. Este romance era “A Escrava Isaura” (1875)⁴, obra considerada a mais popular, pois foi adaptada para o teatro, para o cinema e para a televisão, por meio de telenovela⁵. Este romance foi publicado em meio às campanhas abolicionistas (1875) e ambientado nos primeiros anos do reinado de D. Pedro II. “A Escrava Isaura” mostra um testemunho do abolicionismo, narra as adversidades de uma escrava branca, mimosa de caráter nobre, vitimizada por um senhor libidinoso e cruel.

Com características comuns de Romantismo: heroína, vilão e o herói⁶, sua primeira fase foi ambientada na cidade do Rio de Janeiro, em uma fazenda em Campos. Isaura era uma mucama e considerada bibelô da mãe de Leôncio, foi habituada na Casa Grande. Nesta casa, era muito assediada por Leôncio, mas Isaura sempre rejeitava suas investidas e, por isso, Leôncio passou a colocá-la para trabalhar na senzala com outros escravos e a ameaçando de pô-la no tronco.

Isaura, personagem principal da obra, era de origem africana, filha de uma escrava, mas nasceu de pele branca, devido à origem de seu pai. Era uma escrava bela, inteligente e prezada, sabia cozinhar, costurar, tecer, ler, escrever, pois obteve uma boa educação por parte de sua senhora, esposa do comendador Almeida.

Leôncio era um rapaz jovem, bonito, filho único, sempre teve a sua disposição o dinheiro de seu pai e por isso esbanjou-o em muitos lugares e, quando seu pai declarou falência e lhe informou que não havia mais dinheiro para sustentá-lo, foi obrigado a voltar à fazenda e casar-se com uma jovem linda, boa, generosa e rica, Malvina, que se apaixonou perdidamente por Leôncio. Este não amava sua esposa, casou-se apenas pelo dinheiro de Malvina. Leôncio era namorador e tinha sempre mulheres ao seu dispor e, quando viu a escrava Isaura, pensou que ela iria ceder a suas investidas, mas ela sempre o rejeitou e isso o deixava furioso.

⁴ Serão trabalhadas no artigo as seguintes edições: GUIMARÃES, Bernardo. A Escrava Isaura. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. GUIMARÃES, Bernardo. A Escrava Isaura. Clássicos Saraiva da Literatura Brasileira 34 – São Paulo: Saraiva, 2008 e GUIMARÃES, Bernardo. A Escrava Isaura. Poeteiro Editora Digital. São Paulo, 2014.

⁵ A telenovela A Escrava Isaura foi transmitida pela TV Globo, sob o comando do diretor de novelas Gilberto Braga, indo ao ar em 11 de outubro de 1976. A personagem Isaura foi interpretada pela atriz Lucélia Santos e o personagem Leôncio foi vivido pelo ator Rubens de Falco, sendo o personagem Álvaro, interpretado por Edwin Luisi, par romântico de Isaura. O dono da fazenda, o Comendador Almeida, foi interpretado por Gilberto Martinho, e sua esposa, a bondosa senhora D. Ester, por Beatriz Lyra. O ex-feitor da fazenda, Miguel (Atila Iorio), é o pai de Isaura e luta pela liberdade da filha. Em 2005, começou a ser exibida na televisão uma nova versão brasileira da telenovela, desta vez com a atriz Bianca Rinaldi como protagonista.

⁶ Características também encontradas na personagem Isaura.



Miguel, pai de Isaura, que foi expulso da fazenda pelo comendador por ter se apaixonado por sua escrava Juliana, que era a mãe de Isaura, sempre quis a alforria da filha, mas não conseguia dinheiro e, quando finalmente consegue, Leôncio não aceitava vender Isaura.

O pai de Isaura observa que a filha corre grande perigo na fazenda ao lado de seu senhor Leôncio e decide raptá-la e levá-la para bem longe da fazenda. Assim, surge o segundo momento do romance, que ocorre em Recife (PE). Já na cidade, Isaura usa o pseudônimo de Elvira, vivendo isolada em uma humilde casa. Ela conhece Álvaro, filho único de uma família, que tinha 25 anos, uma postura regular, esbelto, belo, porém mais nobre pela sua simpatia do que pelo aspecto físico, dedicou-se ao estudo de Direito, era generoso, abolicionista, chamava atenção de várias mulheres, mas nenhuma havia conquistado seu coração, até conhecer Elvira, com quem vive uma história de amor. Este é quem traz salvação à bela escrava Isaura.

3. A Religiosidade na obra “A Escrava Isaura”

A religiosidade não necessita de um espaço religioso, como a igreja, convento ou seminário para acontecer, mas basta que o ser humano acredite em uma divindade. Ela está ligada à vida pessoal do ser humano, podendo aliviar uma dor, sofrimento, perda de alguém e a busca pelo sentido da vida, possibilitando entender a própria existência e entender que a morte não é o fim. Desse modo, a religiosidade expressa mais que crenças e significados simbólicos, ela faz com que o homem compreenda sua alma.

Em Portugal, a religião predominante era o catolicismo e quem era considerado não católico era inimigo do poder do rei e, por não acreditar em Cristo, deveria ser exterminado, pois era visto como pagão e infiel. Diante dessa imposição, os negros, para não serem punidos pela sua crença, faziam encontros com símbolos católicos para disfarçar ou manobrar os membros do catolicismo e, assim, viverem bem socialmente. Assim, podemos concluir que o catolicismo era a religião predominante no século XIX, e jamais permitiria que outra religião se desenvolvesse.

Diante dessa religiosidade do século XIX e da busca que o ser humano tem em compreender a vida é que analisaremos a obra *A Escrava Isaura*, escrita por Bernardo



Guimarães, com objetivo de compreender como o processo de religiosidade da personagem Isaura se desenvolve na obra.

Com a morte de sua mãe, Isaura foi criada por sua senhora, dona da fazenda que não havia tido filha e, como se sentia solitária, adotou Isaura e a levou para morar na sua casa e criá-la como se fosse sua filha e educá-la como se fosse da classe alta, dando uma educação que só as moças da Europa tinham. Assim, Isaura foi educada, letrada, aprendeu trabalhos artísticos e também a rezar, pois sua senhora fez questão que Isaura aprendesse a rezar, ou seja, Isaura aprendeu tudo o que uma dama precisava. Essa religiosidade está ligada ao catolicismo, pois Isaura foi criada por uma senhora muito católica, religião predominante da época.

Assim, a religiosidade e a crença de Isaura logo se apresentam na seguinte frase: “Uma pequena cruz de azeviche presa no pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento” (GUIMARÃES, 2012, p. 18)⁷. Pode-se afirmar que existem vários tipos de cruz e ela pode representar várias religiões, crenças, culturas como forma de proteção. Também é um símbolo de fé e de acreditar em um Deus, também é um símbolo religioso que representa o cristianismo, como uma forma de bênção, fé, santidade, proteção e sorte.

Outro exemplo dessa marcação religiosa do catolicismo na fala da personagem Isaura:

Meu Deus! Meu Deus!...já que tive a desgraça de nascer cativa, não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como mais vil das negras, do que ter recebido do céu estes dotes, que só servem para amargurar-me a existência?

(GUIMARÃES, 2012, p. 62)

Aqui fica evidente que Isaura acreditava em um Deus onipotente, celestial, com quem conversava, desabafava, lamentava, falava suas angústias, medos e questionava sobre sua própria existência. Ela questionava que a educação fina que recebera, característica das damas europeias, não havia lhe trazido felicidade e paz e que preferia ter nascido uma negra, para que assim os homens não a cortejassem tanto.

Também na frase seguinte pode-se ver a religiosidade de Isaura dentro da fé católica: “Virgem Senhora da Piedade, santíssima mãe de Deus!” (GUIMARÃES, 2012, p. 78). A religião

⁷ Nesta análise utilizaremos a edição de 2012. GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 5ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. A partir deste momento, adotaremos somente a página referenciada.



católica descrita diversas vezes no romance evidencia que Isaura também acreditava no símbolo da divindade do catolicismo, como Maria ser a mãe de Jesus, símbolo materno, de amor, misericórdia e santidade.

Sendo assim, Isaura era uma mulher de fé que acreditava em Deus, buscava inspiração e proteção em Deus para sua vida tão triste naquela fazenda, apesar de viver em favoráveis condições de vida. Mas tudo que a escrava queria era sua liberdade, viver com seu pai, o qual tentou várias vezes comprar sua liberdade, mas Leôncio, com sua obsessão, não abriu mão da escrava, pois a desejava ao seu lado. Isaura lutou contra os desejos de seu senhor, sempre o negando e fugindo. Mesmo sob violentas ameaças, sempre o rejeitou e, graças ao plano de fuga de seu pai, se libertou.

Fazendo uma leitura mais aprofundada, verificou-se que, além de Isaura, outra personagem também dentro do romance fala em Nossa Senhora, referindo-se a um símbolo de santidade do catolicismo, que pode ser analisado na seguinte frase: “Cruz! Ave Maria! Não fala assim, tia Jacinta! Tão é melhor matar a gente de uma vez” (p. 56). Esta fala veio de uma negra que estava juntamente com outra personagem chamada Jacinta e outras escravas, tecendo em uma das salas da Casa Grande, conversando sobre a astúcia do novo dono da fazenda, que era o senhor Leôncio, já que seu pai, o comendador Almeida, havia falecido. E, por meio dessa conversa sobre o quanto Leôncio era mau, surgiu a frase descrita anteriormente.

Considerações finais

Dentro da diversidade cultural brasileira, a pesquisa desenvolveu um aspecto dessa cultura, que é a religião. Assim, ela apresentou os aspectos da religiosidade brasileira na obra “A Escrava Isaura”. Quando escolhemos este tema, tínhamos como objetivo mostrar que há uma religiosidade no romance de Guimarães, sendo um fator muito forte e marcante, principalmente na fala da personagem Isaura, a qual demonstra ser uma pessoa que acredita em uma divindade protetora. Assim, este artigo analisa como essa religiosidade se manifesta nas falas da personagem principal do romance, mostrando que Isaura é uma moça de muita fé, que acredita em um ser que a protege.

A religiosidade faz parte e é inerente do homem, que está em busca de uma explicação para sua própria existência no mundo. Desta forma, ao final, pode-se verificar



que Isaura era muito religiosa e que acreditava em um Deus que a protegia das maldades do mundo, lhe dando forças para continuar vivendo, apesar da solidão que sentia em seu coração.

A religiosidade negra é considerada rica e variada, pois no Brasil os antepassados africanos enriqueceram a cultura brasileira com diferentes expressões e formas de se relacionar com o mundo.

Essa relação com o mundo pode-se chamar de “mágica” ou mundo universal do humano. São conhecidos vários grupos sociais em diferentes épocas e espaços, que constroem formas de se relacionar com esse mundo mágico e desconhecido, que vão em busca de um caminho que explique o enigma da vida e da morte, e que procuram entender o sentido de estar no mundo.

Assim, a religiosidade negra, como outras, deve ser compreendida como formas construídas, ou seja, uma forma de elo com o criador, algo que está além do que costumamos considerar o mundo racional. Esse elo é visto como “experiência religiosa” e não como mero “credo religioso”.

Compreender a tradição religiosa afro-brasileira, recontar a história do povo negro na África pré-colonial, pós-colonial e, em nosso caso específico, durante e pós o regime escravista, significa compreender um passado que para muitos de nós é desconhecido. Este passado e o modo como foi construído interfere e interferirá em nossas crenças e nas formas de inserção e vivência do mundo atual, seja enquanto, negros, brancos e indígenas brasileiros

(MUNANGA; GOMES, 2006, p. 140)

Assim, a compreensão da religiosidade negra só será possível se analisar a história, conhecer o passado, como foi construído, como foi a interferência nas crenças no passado e no presente, como é a vivência do mundo atual. Independentemente da cor da pessoa, deve-se conhecer a religiosidade, pois ela interfere no ser humano.

Estudando as formas de religiosidade negras, constata-se que a presença do negro na formação social do Brasil foi importante para a cultura brasileira, pois deixou um rico patrimônio religioso que se desdobrou em inúmeras instituições, dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas de enorme importância para a identidade do país.



Nos estudos sobre a religiosidade afrobrasileira, confirma-se que a formação da cultura brasileira foi consolidada com as raízes da cultura africana, trazendo também várias ramificações de religiões.

Apesar da importância do negro na civilização do território brasileiro e de ter trazido várias tradições culturais e religiosas para a cultura brasileira, muitas vezes ele é deixado de lado por vários motivos, sendo um deles é religião. Ele não podia se expressar em sociedade abertamente, pois havia outra religião que era predominante e não queria perder espaço para outras religiões. Essa religião era o catolicismo que pertencia à classe nobre (burguesia) do século XIX.

Referências

CANDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3ª ed. São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 1999.

CARMO, Sonia Irene Silva do; COUTO, Eliane Frossard Bittencourt. *História passado e presente*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 5ª ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999.

DE NICOLE, José. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.

DOS SANTOS, Creusa Barbosa; BRAGA, Paulo Sérgio Martins; DA COSTA, Rildo Ferreira. *Povos Indígenas e Afro-Brasileiros: Um estudo da diversidade no Brasil*. Belém: Sumaúma, 2011.

FARIAS, Antônio Augusto da Costa; DE BARROS, Edgard Luiz. *Os Abolicionistas*. 10ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Poeteiro Editora Digital, 2014.

_____. *A Escrava Isaura*. 5ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. *A Escrava Isaura*. Clássicos Saraiva da Literatura Brasileira 34. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIGIÉRO, Perdigão. *Iniciação ao Candomblé/ Zeca Ligiéro*. Rio de Janeiro: Record, 1993 (Nova Era).

MACEDO, José Rivair. *Religiosidade e Messianismo na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 1996.



MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*. Série Fundamentos. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

RODRIGUES, Nina. *As religiões afro-brasileiras*. Cadernos de Pesquisa. UFMA, p. 54, 1977.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos Brasileiros. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2º sem., 1997.

SCHIMIDT, Mario Furley. *Nova História Crítica: ensino médio*. Volume único. 1ª ed. São Paulo: Nova Geração, 2010.

